

A REVOLUÇÃO CUBANA VISTA DE DENTRO E DE FORA

Fellipe Henrique Mota Silva*

José Santana da Silva**

Resumo:

O presente artigo é uma análise historiográfica dos textos de Paul Sweezy, Leo Huberman, Paul A. Baran e Ernesto Che Guevara contidos na coletânea *Reflexões sobre a revolução cubana*, publicada no Brasil em 1962, pela editora Zahar. E publicado por Edições Populares em 1979. O trabalho se dá a partir da análise dos textos de quatro autores, sendo um Russo, dois norte-americanos e um argentino. Todos de orientação marxista, mas inseridos em contextos diferentes, os quais, segundo a perspectiva marxista, interferem na formação da consciência do indivíduo e transparece em sua obra. A revolução na ilha de Cuba teve início com a insurreição de 26 de julho de 1953, tendo se transformado em guerrilha a partir do final de 1956 e chegando ao seu desfecho em 1º de janeiro de 1959, com o triunfo dos rebeldes sobre o regime ditatorial comandado por Fulgêncio Batista desde 1952. Os escritos aqui analisados foram produzidos imediatamente após a tomada do poder pelos guerrilheiros, sendo Che Guevara um dos seus principais líderes. Os demais autores não tiveram participação no movimento. Assim, é que se pode dizer que os textos dos três primeiros expressam uma visão a partir de fora, enquanto que os ensaios do último correspondem ao ponto de vista dos que fizeram a guerra revolucionária. Nesse sentido, a partir do recorte que os autores fazem, este artigo tem como objetivo investigar até que ponto o contexto e a condição dos autores em relação aos acontecimentos transparecem em suas obras.

Palavras-chave: Revolução, revolução cubana, Movimento 26 de julho, marxista.

Introdução

Esta produção compõe o projeto de pesquisa *Revoluções na América Latina: um balanço historiográfico* e se dedica a analisar os textos de quatro autores sobre a revolução

* Graduando em História no Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas da UEG. Bolsista voluntário de iniciação científica.

** Doutor em História; professor no Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas da UEG. Orientador do projeto.

cubana, todos contemporâneos àquele acontecimento. São eles: Paul Sweezy¹, Leo Huberman², Paul A. Baran³ e Ernesto Che Guevara⁴.

A revolução na ilha de Cuba teve início com a insurreição de 26 de julho de 1953, tendo se transformado em guerrilha a partir do final de 1956 e chegando ao seu desfecho em 1º de janeiro de 1959, com o triunfo dos rebeldes sobre o regime ditatorial comandado por Fulgêncio Batista desde 1952. Os escritos aqui analisados foram produzidos imediatamente após a tomada do poder pelos guerrilheiros, sendo Che Guevara um dos seus principais líderes. Os demais autores não tiveram participação no movimento. Nesse sentido é que se pode dizer que os textos dos três primeiros expressam uma visão a partir de fora, enquanto que os ensaios do último correspondem ao ponto de vista dos que fizeram a guerra revolucionária.

Da mesma forma que está expresso no projeto ao qual é vinculado este trabalho, o termo historiografia é aqui empregado no sentido de “investigação e de escrita da história”, na acepção de Aróstegui (2006, p. 36). Epistemologicamente, a historiografia é expressão da consciência do historiador ou de quem a produz. Consciência essa determinada pelo seu ser social (MARX, 1986, p. 25), isto é, enquanto sujeito historicamente situado. Sinteticamente, esta é a perspectiva teórica que referencia a análise das obras aqui mencionadas.

O termo revolução é aqui tratado como “o conjunto de processos de mobilização, organização e luta do povo, em condições históricas concretas, contra o poder instituído, pela construção de um novo poder político que dirija as transformações radicais das estruturas dominantes na sociedade” (SADER, 1985, p.05.). Nesse sentido, tem-se a revolução cubana como um dos poucos nomes, no continente americano, a merecer o título de revolução.

O presente trabalho se faz necessário para a ampliação das discussões que envolvem o tema da revolução cubana e, por se tratar de um trabalho inédito, seu desenvolvimento contribuirá para preencher a lacuna na historiografia que aborda os movimentos insurrecionais e revolucionários na América Latina no século 20.

¹ Economista estadunidense de orientação marxista. Sweezy visitou Cuba em 1960, juntamente com Huberman e Baran. Nasceu em Nova York, 10 de abril de 1910.

² Jornalista e escritor marxista norte-americano. Em 1949, fundou e co-editou a revista Monthly Review com Paul Sweezy. Nasceu em Newark, 17 de outubro de 1903.

³ Economista de orientação marxista. Professor de economia na Universidade de Stanford desde 1949. Nasceu Mykolaiv, Império Russo, em 8 de dezembro de 1910

⁴ Médico, guerrilheiro, político jornalista e escritor argentino. Nasceu em Rosário, 14 de junho de 1928.

Contexto da insurreição

A Revolução Cubana é apontada por diversos autores como continuidade das frustradas lutas por independência. Cuba foi a última colônia na América Latina a se livrar da dominação espanhola. Processo que levou trinta anos e viu duas guerras por independência. A primeira começa em 1868 e termina dez anos depois com a derrota dos setores mais radicais. A segunda guerra por independência teve seu início em 1895 e vai até 1898 ano que as forças insurrecionais estavam praticamente alcançando a vitória. Contudo, a independência cubana foi frustrada pelos Estados Unidos que intervieram na guerra e passaram a controlar a ilha após a separação da Espanha⁵.

Cuba independente segue no comando de uma série de governadores, incluindo o general Gerardo Machado, em 1925, que estabelece uma feroz ditadura. E seu sucessor Fulgêncio Batista, que ascende após uma onda de manifestações contra o governo e pressão norte-americana, situação a qual a ditadura de Machado não resistiu. Fulgêncio Batista, que mantém estreitos laços com os Estados Unidos, é eleito presidente de Cuba em 1940. Mas a constituição o impediu de se reeleger, em 1952 Batista toma o poder do país através de um golpe militar, apoiado pelos EUA, para impedir a vitória de partidos de esquerda na eleição que ocorreria no mês seguinte.

A figura de Fulgêncio Batista desperta a ira de grupos nacionalistas que não concordam com a ditadura imposta pelo autocrata e sua subserviência aos Estados Unidos. Contexto que destaca Raul e Fidel Castro que buscam organizar uma oposição política mais forte e tentam, por vias legais, destituir Fulgêncio Batista. O que não acontece.

Nesse sentido, frente a passividade da judicatura com relação ao golpe de Batista, os irmãos Castro começam a instituir uma oposição mais combativa. Organizam um ataque em 1953, a um determinado quartel do exército Cubano. O plano de guerrilha tinha como objetivo a tomada do quartel mais importante da ilha, situado em Santiago de Cuba; a distribuição de armas ao povo e a ocupação de pontos estratégicos visando controlar a região oriental do país. Iniciando assim uma ação para derrubada da ditadura de Fulgêncio Batista.

A operação fracassa, os irmãos Castro e seus companheiros são presos e, dois anos depois, são exilados para o México. Em degredo, Fidel e Raul Castro conhecem Che

⁵ Em 1901 é imposta a chamada “Emenda Platt” à Constituição nacional de Cuba, ratificando a tutela militar e econômica dos EUA sobre o país. Em 1903 o governo norte-americano instala uma base militar em Guantánamo, lá mantendo-se até hoje.

Guevara. Se tornam muito amigos e juntos lideram a guerrilha que mais tarde despertaria a que revolução que mudaria o sentido da história da América Latina.

O plano dos guerrilheiros para luta contra Batista, exigiria um barco que os transportassem à Cuba para a ação insurrecional. Após alguns problemas, compraram um Iate chamado “Granma”, de um norte-americano que vivia no México. E na madrugada do dia 25 de novembro de 1956, o “Granma” saía do porto mexicano em direção a Cuba.

Assim que o Grupo de revolucionários desembarcam, são surpreendidos pelas tropas de Fulgêncio. Nesse episódio muitos combatentes morreram. O grupo estava extremamente debilitado devido a viagem, o que corroborou na derrota. O restante, incluindo os irmãos Castro e Guevara, se refugia em Sierra Maestra onde a guerrilha é reorganizada, onde mais integrantes são cooptados e é onde começa toda a movimentação insurrecional. E, no réveillon de 1959, os revolucionários tomam a capital. Fulgêncio e muitos integrantes de seu governo fugiram da ilha. E nesse momento se instala em cuba o governo dos revolucionários. Tendo na figura de chefe de Estado Fidel Castro, o qual perdurará por quase cinquenta anos.

Referencial teórico-metodológico

O presente trabalho tem seu desenvolvimento com base no materialismo dialético, conforme formulado por Marx. Um dos fundamentos dessa concepção metodológica se encontra no pressuposto de que a consciência ou as representações da realidade formuladas ou reproduzidas pelos indivíduos, no caso, os autores dos textos analisados, é condicionada pelo seu ser social, mais amplamente, pelo contexto em que estão inseridos, levando-os a expressar interesses e valores com os quais se identificam. Nesse sentido, as obras em questão foram analisadas situadas no contexto em que foram produzidas.

Por se tratar de uma análise da produção historiográfica, este trabalho tem como objeto e fontes principais os próprios textos analisados. Além disso, outras obras que abordam o tema foram levadas em conta, tendo em vista a explicitação coerente dos aspectos abordados.

Resultados e Discussões

Após uma análise dos textos propostos e – seguindo a perspectiva teórica do

materialismo histórico dialético – levando conta o meio social dos autores, bem como suas formações intelectuais. A partir disso, o trabalho segue a investigar pontos de convergência e divergência entre os quatro autores.

O primeiro item a ser ressaltado seria quanto à figura e participação de Fidel Castro. Ernesto Che Guevara, amigo íntimo do cubano, o anuncia em seu texto como “essa força física que se chama Fidel” (GUEVARA, 1979, p.22). Guevara se reduz à personalidade de Fidel e o afirma como líder nato, o qual “seria chefe de qualquer movimento que participasse” (GUEVARA, 1979, p.22). Guevara argumenta que “Fidel castro fez mais do que ninguém em cuba para construir a partir do nada o formidável aparelho atual da revolução Cubana” (GUEVARA, 1979, p.22).

Guevara escreve em 1960, ou seja, um ano após o triunfo da revolução. Período em que os planos reformistas de Fidel começam a indignar os EUA, que investiram pesado em empresas na ilha que agora estão sendo nacionalizadas. Nesse sentido, levando em consideração o nítido sentimento antiianque presente na escrita de Guevara, é perceptível onde o argentino se apoia ao apresentar o sistema revolucionário cubano.

Ainda em se tratando de Fidel Castro, Paul A. Baran afirma a liderança do cubano como um dos fatores determinantes para o êxito da revolução. Nesse aspecto, os textos de Guevara e Baran convergem bastante. Ambos firmam o líder com a capacidade de visualizar, interpretar as perturbações políticas e esclarecê-las às massas cubanas, integrando assim um maior contingente ao movimento e preparando o mesmo para a revolução.

Os autores Paul Sweezy e Leo Huberman, no texto que escrevem juntos, baseados no que viram e ouviram após o tempo que passaram com Fidel Castro, em uma visita de três semanas à Cuba. Descrevem-no como um “humanitarista apaixonado” dotado de compaixão profunda pelo sofrimento humano, que odeia injustiça e se preocupa em extinguir a fome e desigualdade de Cuba (SWEEZY e HUBERMAN, 1962). Os autores ainda afirmam que é um “político consumado, com o dom de inspirar ao povo um misto de amor apaixonado e fé cega” (SWEEZY e HUBERMAN, 1962, p.53). Não obstante, Sweezy e Huberman atribuem a Fidel a característica de “político notável”, não somente por conta de seu carisma. Conferem a ele – como igualmente fazem os outros autores aqui citados – a característica do diálogo com as massas. Para os autores, o Cubano entende a importância e força revolucionária do povo trabalhador. Nesse sentido, procura ao máximo integrá-los ao movimento.

Guevara trabalha a ideia de uma unidade dialética entre Fidel e o povo cubano. “O que é difícil de compreender para quem não vive a experiência da revolução, é essa estreita dialética que existe entre cada indivíduo e a massa, a interação que há entre a massa e os seus

dirigentes ” (GUEVARA, 1979, p.36). Ele compara à sociedade capitalista e analisa que, nesta poder-se ver alguns fenômenos de mobilização popular. Onde um líder estaria frente ao movimento. Mas, acredita, que se não tratar de um autêntico movimento social, o qual a consciência popular está direcionada a revolução e não somente alienada à interesses de um indivíduo. Esta não durará mais que o tempo de vida de seu líder.

Sweezy e Huberman afirmam que Fidel desafia os EUA porque compreende o imperialismo norte-americano. Afirmam ainda que o líder entende o jogo político e por isso se desvia do estadismo latino-americano. Essas condutas de Fidel os autores atribuem ao marxismo. Alegam que ele não se intitula marxista e tampouco lhe interessa aprofundar na obra de Marx e seus seguidores. Entretanto, por conta de toda sua experiência, Fidel dispõe de uma interpretação de mundo que é, para os autores, indubitavelmente marxista.

O segundo item a ser ressaltado nos textos aqui analisados é o papel e a relevância da burguesia para o movimento. Esse ponto remonta à situação essencialmente colonial de Cuba, que, mesmo após décadas de independência política formal, ainda dependia dos Estados Unidos.

Baran chama a atenção para a dominação norte-americana sobre Cuba. Dominação que é ilustrada com a base naval norte-americana instalada em território cubano na Baía de Guantánamo. Dominação refletida no controle estadunidense sobre boa parte da principal produção agrícola do país: o açúcar. Dominação que se faz evidente quando os EUA transformaram Cuba em um antro de atividades que em solo norte-americano é proibido: jogatinas, drogas, prostituição, violência.

Nesse sentido, o autor defende que é previsível que nessas circunstâncias fosse agudo no povo cubano um sentimento antiianque. E ressalta ainda que era inevitável que esse ódio ao domínio norte-americano não se limitasse às classes inferiores. Para ele, esse sentimento se afirma também nas fileiras da burguesia média e superior por conta da concorrência econômica estabelecida pelos Estados Unidos e por se sentirem cidadãos de segunda classe em seu próprio país. No que diz respeito à participação burguesa na revolução cubana, para Baran, aparece da seguinte maneira: Frente às circunstâncias em que essa classe estava condicionada graças ao imperialismo yanque, a burguesia se via dividida. De um lado, predominava o receio de ser dominada e inferior em seu próprio país. De outro, acentuava a apreensão de que as massas, uma vez levantadas contra o imperialismo, fossem longe demais, prejudicando os interesses burgueses (BARAN, 1962).

Segundo Baran, essa ambivalência cai por terra nos últimos anos da ditadura de Batista, graças à crueldade, tirania e corrupção do regime. E dá lugar a um consenso da

urgência de uma reforma política. Agora, tem-se uma neutralidade pragmática por parte da burguesia, ou seja, menos uma oposição à revolução. Aspecto muito importante para o triunfo insurrecional: No que se refere a essa burguesia, Guevara considera – igualmente a Baran – ajuda “não-revolucionária” dessa classe que se manteve neutra ou ao menos não-beligerante.

Baran traz ainda outra questão em seu texto. Segundo ele, o cenário mundial em que a revolução cubana aconteceu facilitou seu percurso. No sentido de que a polarização global firmada nesse período fez com que, uma vez desmerecida pelo bloco capitalista (EUA) o governo pós-insurreição consegue amparo político-econômico no outro polo, o socialista. E é graças a esse amparo que Cuba consegue, não só se manter, como desenvolver sua economia, erradicar a fome e o analfabetismo. Isso até a queda da URSS, onde a economia cubana entre em colapso. Baran afirma que “ na ausência de um poderoso bloco de países socialistas, a Revolução Cubana já teria sido, há muito, esmagada pelas forças do imperialismo.

Outro ponto chama atenção após a análise dos textos. É a notável predominância de determinadas abordagens nos textos de cada autor que transparece a influência da sua formação e área de atuação. Por mais que todos autores analisados discorram sobre o mesmo acontecimento histórico e, inclusive, se assemelhem quando discutem determinados assuntos, é perceptível que – ainda que seguindo a mesma concepção teórico-política – acentuam-se traços distintos nos textos. Enquanto na escrita de Sweezy encontra-se muito mais sobre a economia no contexto da revolução do que no de qualquer outro autor, o texto de Huberman se dedica, primeiro, a apresentar e analisar o discurso da imprensa norte-americana. E como este é manipulado pelo governo. Já no texto de Guevara nota-se, não a influência de sua formação em medicina, mas o fato de ter participado ativamente da revolução. Mais do que explicar a revolução, o autor procura justificar a necessidade desta dentro das condições sociais, políticas, econômicas e culturais em que Cuba estava imersa naquele contexto.

É nítido que as abordagens seguem na direção em que apontam a consciência do autor, a qual é construída a partir do meio social/ideológico/político no qual está inserido. Nesse sentido firma-se cada um: Sweezy enquanto economista e Huberman jornalista e Guevara enquanto participante ativo da guerrilha insurrecional.

Conclusão

Após a análise dos textos propostos percebe-se que mesmo ao escreverem sobre um mesmo acontecimento e sendo todos do mesmo período. Ainda apresentam características, interpretações e abordagens que convergem e/ou divergem. Nota-se que tanto a formação

social quanto a intelectual dos autores interferem, em partes de maneira visível, na escrita dos autores e como esses retratam o fato histórico.

Existe ainda a necessidade de um estudo mais aprofundado, mas, ainda assim, esse trabalho serve de ampliação significativa às discussões que permeiam o tema.

Referencias

ARENDDT, Hannah. *Sobre a revolução*. Tradução de Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Tradução de Andréa Dore. Bauru, SP: Edusc, 2006.

AYERBE, Luis Fernando. *A revolução cubana*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOSQUE, Juan Almeida. *Sierra Maestra: a história da Revolução Cubana*. Hucitec, 2015.

CHE GUEVARA, Ernesto. *Revolução Cubana*. 3ª Ed. São Paulo: Edições Populares, 1979.

MARX, Karl. *Para a crítica da economia política; salário, preço e lucro; o rendimento e suas fontes: a economia vulgar*. Traduções de Edgard Malagodi et al. 2ª ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1986. (Os economistas)

SADER, Emir. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Moderna, 1985.

SWEEZY P, HUBERMAN L. BARAN P, GUEVARA E. *Reflexões sobre a revolução cubana*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 1962.